



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE CURRÍCULOS E PROGRAMAS**

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

**CURSO DE GRADUAÇÃO
EM
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

LICENCIATURA

MODALIDADE: PRESENCIAL

Junho de 2008

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Justificativa
3. Histórico
4. Objetivos
5. Componentes Curriculares
6. Marco Teórico e Metodologia
7. Estágios Supervisionados da LICENCIATURA
8. Laboratório MATIAS GUIZANDA de estudos religiosos
9. Flexibilização curricular
10. Integração entre Graduação e Pós-Graduação
11. Tutoria
12. Trabalho de Conclusão de Curso
13. Prêmio Honorífico Mahatma Gandhi
14. Sistema de Recuperação do Discente
15. Perfil do egresso
16. Competências, Atitudes e Habilidades
17. Campo de atuação profissional
18. Sistemática de Concretização do PPP e Avaliação
19. Ementas

1. Introdução

No complexo e fragmentado mundo contemporâneo falar de retorno do sagrado é mais do que legítimo, é uma necessidade imperativa do nosso tempo. Inúmeras verdades que mantinham nossa crença na racionalidade foram sacudidas por fenômenos que, direta ou indiretamente, estão relacionados com o fenômeno religioso.

Após as Revoluções Industrial e Francesa foi decretado o “crepúsculo dos deuses”. O paradigma teológico foi substituído pelo paradigma mecanicista e a produção em série prometia o fim da fome e da escassez medieval. Entretanto, há pouco mais de dois séculos da Queda da Bastilha somos forçados a admitir que o prometido não foi cumprido. A substituição do artesão medieval pela linha de montagem capitalista aumentou sim a produção, mas não a ponto de afastar a fome do mundo e a pobreza da maioria dos povos, não pela falta de produção, mas pela má distribuição das riquezas produzidas. Pouquíssimos consomem a maior parte da produção enquanto a maioria amarga uma miséria sem fim. E o “Deus ex machina” ruiu. O paradigma mecanicista alavancou a ciência e fez dela a detentora da verdade absoluta. Nada era mais confiável que uma *verdade cientificamente comprovada*. Essa segurança na ciência substituiu a fé, a crença e o imponderável... Entretanto, depois de Einstein, a ciência se deparou com a dura verdade da relatividade. A verdade absoluta não existe! Cada verdade científica é “verdadeira” até ser ultrapassada por outra.

Com a segunda Guerra Mundial e a explosão da bomba atômica teve início um novo paradigma, o cibernético. A energia nuclear prometia ser barata e interminável, os computadores invadiram a vida do cidadão comum a ponto de emergirem como indicador social. O *analfabeto*, aquele que desconhece o *alfabeto*, foi substituído pelo *analfainfo*, aquele que não é habilitado no uso da *informática*. Ela, a cibernética, veio para ficar. Ela é um dos parâmetros mais importantes do mundo contemporâneo e, como tudo, pode estar a serviço do bem ou do mal. Ela internacionaliza e democratiza a informação da mesma forma que exclui grande parte da população que não tem os recursos necessários para adquirir as novas tecnologias, demonstrando seu uso restritivo.

Cada vez mais fica patente para o cidadão comum que o produzido é para poucos, as benesses das novas tecnologias também são para poucos, e a tão propalada *verdade* prometida pela ciência é regida pelo “princípio da incerteza”, como diz Heisenberg. Hoje, mais do que em qualquer outro período da história, torna-se

evidente que a riqueza, a tecnologia, os meios e os bens produzidos coletivamente são usufruídos apenas por uma parcela mínima da população. Essa constatação provoca, de um lado, uma corrida pelo ouro, altamente competitiva e conseqüentemente com o afrouxamento das condutas éticas. A corrupção é a lei! De outro, há um desencantamento com as coisas do mundo e um reencantamento com as coisas imateriais. Os deuses estão de volta!

Em *O Eterno Retorno* Nietzsche defendeu a tese de que o mundo passa indefinidamente pela alternância da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento, do bem e do mal. Nietzsche poderia estar com razão ao analisar o mundo em que viveu, entretanto, o que vemos hoje é o compartilhar simultâneo de ambos os lados da polaridade. A alternância cedeu seu lugar à simultaneidade, onde o bem e o mal disputam o planeta milímetro a milímetro. Impossível não relacionar os dramas atuais vividos pela humanidade com as profecias do Visnu Purana ou com o Armagedom. O mundo contemporâneo está vivendo em plena guerra de conquista. Diferente das guerras anteriores, mas ninguém tem dúvida que estamos em guerra. A diferença com todas as outras que a humanidade enfrentou é que na atual podemos assistir aos ataques confortavelmente instalados em nossa sala de visita. Não sem perplexidade vimos um pacífico Afeganistão ser invadido pelos tanques soviéticos e tornar-se violento. Esta violência foi projetada para dentro dele mesmo ao destruir seus milenares Budas, e foi projetada para fora transformando aviões de carreira em armas mortíferas. Não foram somente as torres do World Trade Center que ruíram, com elas ruiu muito mais. E com a mesma intensidade da queda vertiginosa a questão religiosa ressurgiu, ganhou importância e passou a ser destaque nos assuntos do cotidiano, como jamais havia sido até então.

Esquecidos de que as guerras religiosas sempre fizeram parte do nosso passado, estes acontecimentos contemporâneos serviram para despertar o civilizado Ocidente para os problemas religiosos dentro das suas portas, problemas quase sempre escamoteados e considerados simplesmente políticos.

O religioso está no centro da nossa vida. A disposição para compreender os fenômenos religiosos ganhou posição de destaque no mundo contemporâneo. Por medo ou por convicção, a religião entrou na pauta de assuntos prioritários em alguns países, que acabam de decretar o ensino das religiões nas escolas.

Existe uma motivação religiosa nos conflitos bélicos que devastam a mundo e incitam a curiosidade das pessoas para o conhecimento de suas causas, entretanto, é

falacioso reduzirmos o interesse pelo fenômeno religioso às suas conotações políticas. Podemos constatar que, efetivamente, há uma ebulição do fenômeno religioso por toda a parte e são muitas as suas causas. A interpretação mais recorrente é a da crise da modernidade, que derrubou o mito da satisfação das necessidades humanas pelo aumento da produção. Esta de fato aumentou, mas aumentou ainda mais o fosso entre aqueles que têm acesso aos bens e serviços produzidos socialmente e a grande massa dos excluídos. As religiões, tradicionais ou emergentes, costumam refletir a época em que surgem. E, na verdade, mais do que apenas ter informações que proporcionem certo verniz cultural, temos hoje a necessidade de conhecer, e conhecer em profundidade, as várias mensagens que estão disponíveis no mercado simbólico globalizado. Com exceção dos países que confundem governo com credos fundamentalistas, todos os demais estão vivendo o fenômeno da pluralidade religiosa. Mais do que nunca o Ocidente foi invadido pelos cultos e práticas orientais. Isto nem é bom, nem ruim, apenas é.

A sociedade contemporânea vive o fenômeno da globalização, muito discutido e pouco compreendido. Alguns a consideram perversa, outros, promissora. Possivelmente ela tem, simultaneamente, estas duas características. Porém, o que não deixa nenhuma dúvida é a necessidade do estudo das religiões, usado como uma ferramenta essencial para viver num mundo globalizado, num mundo que levou ao extremo a dicotomia entre o individual e o coletivo.

Como indivíduos, temos três necessidades existenciais inseparáveis: uma de natureza biológica, outra de natureza mental ou psíquica, e a terceira de natureza espiritual. Esta concepção trina do ser humano – corpo, alma e espírito – foi mantida pelo cristianismo primitivo até Constantino e é reconhecida pela maioria das religiões primitivas e orientais.

Nossas necessidades biológicas poderiam ser resumidas em duas: se alimentar e se reproduzir. Acontece que precisamos alimentar não apenas o nosso estômago, mas também a nossa mente e nosso espírito, e este alimento é simbólico. Para Ernest Cassirer em, *Ensaio sobre o Homem*, “*deveríamos definir o ser humano como animal simbolicum, e não como animal rationale*”. A dimensão da racionalidade exclui a emoção e o ser humano só é o que é pela conjunção de ambas, expressadas pelo simbólico.

No último século mudamos mais nossas vidas desde que o homem apareceu como espécie na escala evolutiva do planeta. Se as mudanças mentais e psíquicas vêm

ocorrendo a milhares de anos, jamais elas foram tão vertiginosas do que depois do advento do pensamento científico, e mais recentemente, do computador. O bombardeamento de informações é muito maior do que nossa capacidade de processá-las. Quanto às nossas necessidades de natureza espiritual e as possíveis interações com uma realidade mais sutil, religiosa ou mística, estas são de natureza essencialmente simbólica. Estamos imersos em uma realidade simbólica onde a religião pode ser considerada o regente da orquestra. Deixar o fenômeno religioso apenas como questão de fé e de foro íntimo é não compreender os aspectos culturais e as implicações sociais, econômicas e até mesmo bélicas que ele impõe.

Compreender o indivíduo em suas três necessidades existenciais inseparáveis, biológica, mental e espiritual – corpo, alma e espírito – ajudará a compreender que a vida social é construída pelo próprio ser humano, coletivamente: sua economia, sua cultura, sua educação, seus sistemas de governo, sua política, seu conhecimento, suas religiões, etc. As necessidades individuais e coletivas não se excluem, elas se complementam. E estas polaridades estão sempre em busca do equilíbrio. Quando não consideradas em sua complementaridade elas geram a exclusão. Um aspecto irrefutável da existência humana é que vivemos em grupos, formamos sociedades, mas antes de tudo somos indivíduos. Não importa o quanto democrática seja uma sociedade, sempre vamos ver o coletivo através de uma ótica individual. O coletivo é “construído” pelos indivíduos que compartilham valores éticos, costumes, tradições, crenças, que norteiam a política, a educação e demais aspectos da vida em sociedade. O individual antecede o coletivo, daí a importância da educação para um convívio social sadio.

Os estudiosos afirmam que o fenômeno religioso é um dos quatro pilares da cultura humana, sendo os outros três, a Filosofia, a Arte e a Ciência. É nas instituições de ensino que as crianças, adolescentes e jovens entram em contato com a Filosofia, com a Arte e com a Ciência. O mesmo deveria ocorrer com a Religiosidade, abordada como patrimônio cultural de todos os povos e, como tal, matéria de estudo e pesquisa.

O conhecimento abre a mente, mas o fundamentalismo religioso é extremamente nocivo para o indivíduo e para a sociedade. Ele promove a intolerância, a dificuldade de relacionamento entre grupos, destrói a integração e o respeito mútuo, não admite opiniões divergentes e se considera isento de erros.

Partimos do pressuposto que “a ignorância é a mãe da intolerância” e que a única maneira de forjar a convivência pacífica entre as religiões é através da informação e do conhecimento. Esta é a razão que justifica a apresentação do Projeto Político

Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências das Religiões, que tem o intuito de contribuir para a construção de uma sociedade harmoniosa, tolerante para com os diferentes, fundamentada na ética e no respeito às minorias. Destacamos, aliás, a criação recente do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro), o que corrobora a pertinência deste projeto para a nossa instituição e para o país.

2. Justificativa

O fenômeno religioso, enquanto objeto de análise reconhecido pela ciência, remonta ao nascimento das Ciências Sociais. Ao fazermos uma análise dos autores e da produção teórica dos fundadores das Ciências Sociais verificamos que eles se debruçaram sobre o fenômeno religioso. Émile Durkheim escreveu o clássico “*As formas elementares da vida religiosa*”. Max Weber, não menos famoso, escreveu “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”. Marcel Mauss, sobrinho de Durkheim, deu valiosa contribuição com seus estudos sobre a dádiva. Embora não haja registro escrito, Karl Marx teria dito que “a religião é o ópio do povo”. Ter dito ou não, não é a questão. Porém é inegável que o controle ideológico exercido pela religião fez parte do objeto de estudo e das preocupações teóricas de Marx. Estes autores, dentre muitos outros que se dedicaram a compreender o fenômeno religioso, nasceram no século XIX e deram o melhor de sua produção no início do século XX.

Para Durkheim, o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos e se define por estar em oposição ao profano. Sagrado e profano falariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa. As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo. O sagrado seria um anseio de potência, de uma energia que agiria sobre o profano. Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais.

Rudolf Otto teorizou sobre o sagrado em sua obra homônima. Ele fala de uma dimensão especial da existência a que chama de “mistério tremendo e fascinante”. Otto aborda o sagrado como uma categoria que denota a manifestação do *numen*, que é uma palavra derivada do latim que significa “vontade divina”, “atuação divina” ou “essência divina”, caracterizando algo totalmente distinto de qualquer outra experiência. Desta

forma, o sagrado apresenta-se como uma realidade de ordem absolutamente diversa da realidade natural. Descrevendo as características desse fenômeno, esse autor fala da experiência do *mysterium tremendum*, uma vivência fascinante perante o ser ou objeto sagrado.

O romeno Mircea Eliade, outro clássico teórico da fenomenologia das religiões, em seu livro "*O sagrado e o profano*", elogia Otto e diz que seu sucesso como estudioso de religiões se deve a essa nova perspectiva que passou a abraçar. Em vez de estudar termos como Deus e religião, ambos analisaram vários tipos de "experiência religiosa" dos seres humanos. Sua maior contribuição foi a diferenciação entre **Sagrado e Profano**. Eliade começa com uma definição muito simples do que é o sagrado: é o oposto de profano. Em seguida, põe-se a considerar o significado dessas palavras para o senso-comum. Sagrado indica algo que é separado e consagrado; profano denota aquilo que está em frente ou fora do templo. Porém, indo mais a fundo no conceito, Eliade acredita que o homem entra em contato com o sagrado porque este se manifesta como algo totalmente diferente do profano, independentemente do espaço da manifestação. Muita profanação acontece dentro dos Templos e coisas muito sagradas acontecem em espaços popularmente chamados de profanos. Para Eliade a diferenciação entre o Sagrado e o Profano está na intenção do ato e não no espaço onde ele ocorre. Ele chama esta manifestação de *hierofania*, palavra grega que significa, literalmente, "*algo sagrado está se revelando para nós*". É o que sempre acontece, não importa se o sagrado se manifesta em uma pedra, numa árvore, num animal, numa imagem ou em Deus. Para Eliade, a vivência do sagrado não é, em si mesma, religiosa. Para que a experiência religiosa aconteça torna-se necessário, não tanto a presença de divindades, mas a convicção de que é possível experimentar um princípio de unicidade. Quando o sagrado assume esta dimensão torna-se compreensível a necessidade de conferir significado a todos os atos fundamentais da vida, sejam eles a alimentação, a reprodução, a sexualidade, o trabalho e o lazer. O sagrado não implica a crença em Deus, nos deuses ou em seres imateriais. Ele é para o ser humano a fonte da consciência de sua existência no mundo. Neste sentido, é um fenômeno interno que se complementa ao externo. Dostoiévski dizia que a relação do homem com o criador é constitutiva do seu próprio ser. Para ele, se o homem perdesse sua fé na possibilidade de ser integrado ao Divino, perderia até mesmo sua forma externa.

Esta bipolaridade entre o interno e o externo caracteriza um intercâmbio contínuo entre sujeito e cultura, sujeito e realidade compartilhada. A possibilidade de

criar símbolos e ações que veiculem as concepções resultantes de sua experiência de vida para a realidade cultural, leva o ser humano a ter uma vivência estética e transcendente. E esta experiência se caracteriza pela aprendizagem da apreensão do seu ser como transcendendo a sua experiência imediata e alcançando uma possibilidade de viver além do tempo e do espaço.

Uma outra hipótese interpretativa da natureza ambivalente do sagrado nos é proposta por Georges Bataille, em particular em sua obra *O Erotismo*. Para ele a ambivalência do sagrado e do profano não é mais do que a expressão da polaridade antropológica que caracteriza a própria polaridade humana. É a eterna luta entre o bem e o mal, não fora, mas dentro de cada ser humano. Em todos os níveis da existência humana é possível surpreender uma clivagem entre duas esferas, entre estes dois mundos. O mundo sagrado é o universo das interdições enquanto o mundo profano corresponde ao das transgressões. Para Sigmund Freud a morte e a sexualidade constituem as interdições por excelência, necessárias ao processo de hominização.

Sigmund Freud produziu o texto *Totem e Tabu*, resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre Antropologia Cultural, no que se refere às origens das civilizações, dedicando uma longa passagem à questão do horror ao incesto como ponto nodal da criação da civilização humana. Neste texto Freud foi influenciado Jung. As hipóteses junguianas que associam o delírio psicótico com a produção mítica dos povos primitivos, apresentadas em seu livro “Sobre a Psicologia da Demência precoce” (*Über die Psychologie der Dementia praecox*), de 1906, encantaram o mestre da psicanálise. Foi a leitura desse livro que despertou em Freud o interesse por Jung. A aproximação entre neurose, mitologia dos povos primitivos e infância se constituiriam nos temas de *Totem e Tabu*. Nele Freud fortalece sua tese sobre o complexo de Édipo e introduz a discussão no campo antropológico. Esta redução dos mitos fundantes da cultura à sexualidade será considerada por Carl G. Jung um reducionismo e este foi o estopim para o seu distanciamento teórico com Freud. Tal distanciamento alargou-se devido aos divergentes pontos de vista de ambos sobre o fenômeno religioso. Freud considerava que a necessidade religiosa expressava uma infantilidade da psique. Jung, ao contrário, dava muita importância ao fenômeno religioso, considerando-o estruturante.

A partir dessas breves pontuações feitas por alguns autores pode-se perceber que o foco de interesse dos representantes clássicos da Fenomenologia da Religião está na experiência humana do numinoso, na construção do si-mesmo e na relação com o “outro”, constituindo-se em elemento-chave para a história da humanidade.

Dentro dessa perspectiva torna-se mais que justificável a criação de uma área específica de conhecimento, as Ciências das Religiões, a fim de estimular estudos e pesquisas que contribuam para uma compreensão cada vez maior do ser humano e da vida em sociedade.

Quanto ao nome do curso, não foi utilizado “Ciência da Religião” porque o singular tende a pressupor a existência de *um* método científico e de *um* objeto unitário. Entretanto, quem prefere falar de “Ciências das Religiões” o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico quanto do pluralismo do objeto.

3. Histórico

Na história da educação brasileira, o ensino religioso sempre se constituiu numa questão de fé e de doutrinação religiosa, amplamente exercida por apenas uma vertente. Até a expulsão dos Jesuítas pelo Marques de Pombal o ensino ficou praticamente restrito aos seminários e colégios católicos. Esta situação perdurou durante todo o período colonial, uma vez que a escola pública ainda não existia. Introduzida durante o Império, a incipiente rede pública foi ampliada a partir de 1930, porém o ensino religioso continuou sendo doutrinário e uma prerrogativa da Igreja Católica.

Com a implantação do regime republicano deu-se a separação entre Estado e Igreja. A primeira Constituição da República (1891) estabeleceu que “seria laico o ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino”. Apesar deste dispositivo a Igreja Católica continuou exercendo o ensino religioso na escola pública. Com a crescente complexidade da realidade sócio-cultural do Brasil, a Constituição de 1934, em seu artigo nº 153, menciona pela primeira vez o ensino religioso: “O ensino religioso será de matrícula facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aprendiz (...) e continuará matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais”. Desde então a matrícula facultativa e o princípio da confissão religiosa do aprendiz se consolidaram numa espécie de ranço histórico, que foi mantido na Constituição Cidadã de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Esta última, ao ser sancionada, oferecia um ensino religioso confessional e sem ônus para o Estado. Os legisladores deram esta redação por entenderem que, sendo o ensino religioso uma prerrogativa das igrejas, estas deveriam arcar com os custos de tal atividade. Assim sendo, a concepção

do ensino religioso nas escolas públicas continuou sendo a mesma de sempre: uma questão de fé e de doutrinação religiosa.

Esta situação foi alterada em 1997 com a aprovação de um substitutivo de autoria do Deputado Federal Pe. Roque, que resultou na Lei nº 9.475, que teve a seguinte redação:

Art. 33: O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Esta Lei apresenta alguns avanços ao considerar o ensino religioso como “parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil”, assim como atribuir aos sistemas de ensino a incumbência de regulamentar e definir os conteúdos, bem como o estabelecimento de normas para a habilitação e admissão dos professores. Sem dúvida, este foi um grande passo para que o ensino religioso deixasse de ser tratado apenas como uma questão de fé e prerrogativa dos credos confessionais. Entretanto, ainda está longe dele ser abordado como uma área do conhecimento científico, indispensável para o exercício da convivência pacífica em relação ao diferente, bem como para a compreensão do mundo moderno, onde as disputas entre os diferentes credos religiosos se misturam com a política, produzindo as mais sangrentas guerras já presenciadas pela humanidade. Sem o conhecimento dos diferentes fundamentalismos religiosos não é possível compreender as motivações dos grupos e países beligerantes.

O conhecimento das motivações religiosas dos diferentes povos adquire em nossa época sua maior importância. Neste momento, a humanidade vive um profundo paradoxo. De um lado, vivemos um movimento direcionado para o conhecimento do outro, uma abertura para saber quem é aquele diferente de nós mesmos. Aqui no ocidente esta tendência se expressa simbolicamente no crescente interesse pelo feminino, pelas minorias marginalizadas, pela ecologia, pelo conhecimento do inconsciente, pela meditação, pela yoga, e pelas mais diversas expressões religiosas. Numa sociedade patriarcal, o feminino é o “outro”, assim como o “outro” é tudo aquilo

que não é conhecido. A aceitação do outro, a tolerância pelo diferente, constitui-se em peça chave para a constituição do ser humano. A aceitação do "outro" faz-se através do exercício da tolerância. Por outro lado, as falhas no processo de aceitação do outro se constituirão em distúrbios, que se apresentarão em uma gama enorme de possibilidades, desde a má formação da personalidade, no nível individual, até a formação de grupos organizados, ou mesmo de países, que atacam seus semelhantes por se sentirem ameaçados pela diferença do outro. Neste momento, a humanidade vive a exacerbação dos aspectos narcísicos da personalidade coletiva, reforçados pela excessiva valorização da verdade individual, da força e da competição em detrimento do relacionamento tolerante e do bem-estar comum. As duas polaridades deste paradoxo se apresentam equivalentes no mundo de hoje. Não poder identificá-las, não saber analisá-las, leva o ser humano a deixar-se arrastar pelas circunstâncias do mundo moderno, sem compreender as verdadeiras raízes que estão sob os maiores e mais perversos conflitos vividos pela humanidade.

O Estudo das Religiões na escola pública tem por objetivo dar aos discentes a oportunidade de acesso ao conhecimento da origem das diversas tradições religiosas, dos mais diferentes povos, desde a antiguidade até nossos dias, sem interferir na sua opção religiosa. Entrar em contato com o outro, respeitando as diferenças, é um exercício de convivência pacífica e de construção da cidadania. A função do Estado não é a de privilegiar este ou aquele credo, mas garantir o direito do cidadão de professar o credo de sua escolha. Este direito somente será garantido se houver o exercício da tolerância, se for cultivado o respeito ao outro, se for exercitado o convívio com a diferença. Estas qualidades não são inatas ao cidadão, elas são ensinadas, aprendidas e exercitadas. Sendo assim elas são prerrogativas da escola pública e não de um segmento religioso. Sendo tratado como área do conhecimento científico, o ensino religioso na escola pública assumirá sua verdadeira dimensão, que é a compreensão dos aspectos históricos, sociológicos, antropológicos e psicológicos do fenômeno religioso. Desde um passado remoto a humanidade busca o transcendente. Cada povo, cada cultura, cada período histórico construiu uma relação específica com o sagrado. Esta dimensão é estruturante para a formação psico-social de cada indivíduo e ao mesmo tempo é estruturante em relação à convivência harmônica e pacífica dos diferentes grupos em sociedade.

Para além da fé, o estudo do fenômeno religioso na escola pública, deve recuperar a história das diversas religiões, dos mais diferentes povos, desde a

antiguidade até hoje, dando aos discentes a oportunidade de compreender as relações que o ser humano estabelece com o transcendente, com o divino, com o sagrado, e de como ele aplica suas crenças nas relações que estabelece com a sociedade em que vive, e consigo próprio. Esta nova concepção de ensino religioso contou com a atuação marcante do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (instalado em junho de 1995 em Florianópolis), ao conseguir que o ensino religioso fosse:

1. considerado como parte integrante da formação básica do cidadão;
2. assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil;
3. desenvolvido sem quaisquer proselitismos.

Com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o ensino religioso marca um fato histórico na educação brasileira: pela primeira vez, pessoas de várias tradições religiosas, enquanto educadores, conseguiram encontrar o que há de comum numa proposta educacional que tem como objetivo o Transcendente. Como os PCN do ensino religioso compreendem a sistematização do fenômeno religioso a partir das raízes das tradições religiosas: orientais, ocidentais e africanas, há necessidade de um profissional de educação conhecedor da complexidade sócio-cultural da questão religiosa, capacitado para transmitir os conteúdos referentes às mais diversas tradições religiosas, sem proselitismo, doutrinação ou preconceito. Assim como para as demais áreas, a política dos PCN do Ensino Religioso pressupõe a elaboração ou revisão dos currículos e a respectiva capacitação do quadro do magistério público. Desta forma, para atender às novas necessidades dos profissionais de educação, face aos novos ditames da legislação em vigor, a Comissão Permanente de Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba solicitou ao PPGS - Programa de Pós-Graduação em Sociologia - a criação do Curso de Especialização em Ciências das Religiões – CECR – com o objetivo de capacitar os professores da rede pública que ministram a disciplina de Ensino Religioso.

Atendendo a esta solicitação, o CECR foi criado em 14/10/2004, pela Resolução nº 40/2004 do CONSEPE, tendo iniciado seu funcionamento em abril de 2005, com a participação de 45 discentes. Dado o êxito do CECR, tendo sido registrada uma evasão mínima depois de seis meses de funcionamento (apenas cinco discentes), a Comissão Permanente de Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado solicitou a criação de um Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões, visando a formação específica do professor da disciplina Ensino Religioso.

Além do magistério, outra área que demonstra um grande potencial é a da formação teológico-filosófica, que ganha um espaço cada vez maior junto à população de todas as idades, que busca novos conhecimentos na área da religiosidade. Considerado um dos pilares cultural da humanidade, o fenômeno religioso necessita de um lugar próprio na academia, devendo ser considerado matéria científica e objeto de teorização, conduzido de forma interdisciplinar, combinando estratégias que estimulem um novo perfil de indivíduos, menos fundamentalistas, mais tolerantes e propensos ao diálogo, devendo ser considerado matéria de estudo e pesquisa.

Assim sendo, a proposta do presente Projeto Político Pedagógico é a criação de um Curso de Graduação em Ciências das Religiões, funcionando na modalidade **Presencial**.

4. Objetivos

O Curso de Graduação em Ciências das Religiões tem por objetivo geral capacitar o profissional em Ciências das Religiões, doravante denominado **religiólogo**, para exercer a docência na disciplina atualmente denominada *ensino religioso* na rede pública e privada, tratando o fenômeno religioso como característica cultural dos povos e patrimônio da humanidade, passível de ser estudado e pesquisado. Este novo tratamento do fenômeno religioso possibilitará o cumprimento da legislação vigente dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino religioso nas escolas.

Embora a palavra *religiólogo* pareça estranha, ela é apenas um designativo para aquelas pessoas que se dedicam ao estudo das religiões, enquanto componente do ser humano, que traz grandes e graves conseqüências para a vida pessoal, grupal, social e planetária. Este termo será acrescentado à lista de profissionais que se qualificam no estudo, na pesquisa e na compreensão do ser humano. Assim como o sociólogo estuda a sociedade, o biólogo a vida, o psicólogo a psique, o religiólogo tem como material de estudo tanto o fenômeno religioso, enquanto dimensão ontológica do ser humano, quanto nas relações que este estabelece com a sociedade.

5. Componentes Curriculares

Atendendo o objetivo proposto, o Curso de Graduação em Ciências das Religiões terá um total de 2880 (duas mil, oitocentas e oitenta) horas, distribuídas pelos

componentes curriculares conforme a legislação em vigor, presentes nos anexos deste projeto:

1) Lei n. 9.475, de 22 de Julho de 1997, que dá nova redação ao art. 33 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

2) Diretrizes Curriculares para o curso de Filosofia*, conforme RESOLUÇÃO Nº 17 DO CNE/CES, de 13 de março de 2002, visto que o Conselho Nacional de Educação ainda não regulamentou as DC específicas para os cursos de Ciências das Religiões.

* Na CAPES há uma área própria: Filosofia, Teologia e Ciências da Religião

COMPONENTES CURRICULARES

Conteúdos Curriculares	CH	Créditos	%
1. Conteúdos Básicos Profissionais	1935	129	67%
1.1 Conteúdos Básicos	660	44	23%
1.2 Conteúdos Profissionais	870	58	30%
1.3 Estágio Curricular	405	27	14%
2. Conteúdos Complementares	945	63	33%
2.1 Conteúdos Complementares Obrigatórios	660	44	23%
2.2 Conteúdos Complementares Optativos	180	12	06%
2.3 Conteúdos Complementares Flexíveis	105	07	04%
TOTAL	2.880	192	100%

2. Conteúdos Básicos			
2.1 Conteúdos Básicos			
Disciplinas	Créditos	CH	Pré-requisitos
Antropologia das Religiões	04	60	Não há
Ciências das Religiões	04	60	Não há
Alimentos Sagrados: Ritos e Interdições	03	45	Não há

Psicologia do Fenômeno Religioso	04	60	Não há
Bases do Monoteísmo	03	45	Não há
Espiritualidade e Saúde	03	45	Não há
Mitanálise do Tempo Religioso	04	60	Mitocrítica e Mitanálise
Ética I	04	60	Não há
Introdução aos Sistemas Simbólicos	04	60	Não há
Estudos Etnográficos	03	45	Não há
Estruturas Antropológicas do Imaginário	04	60	Não há
Mitocrítica e Mitanálise	04	60	Estruturas Antropológicas do Imaginário
SUB-TOTAL	44	660	
1.2 Conteúdos Profissionais			
Mitologias do Oriente Médio	05	75	Não há
Mitologias Greco-Romana e Nórdica	05	75	Não há
Mitologias Indígenas e Afro-Brasileiras	05	75	Não há
Religiões Orientais	05	75	Não há
Judaísmo e Cristianismo Primitivo	05	75	Não há
Islamismo e Cristianismo Medieval	05	75	Não há
Reformas na Cristandade	04	60	Não há
Novas Expressões Religiosas	04	60	Não há
Fundamentos Sócio-Históricos da Educação	04	60	Não há
Fundamentos Antropo-Filosóficos da Educação	04	60	Não há
Fundamentos Psicológicos da Educação	04	60	Não há
Política e Gestão da Educação	04	60	Não há
Didática	04	60	Não há
SUB-TOTAL	58	870	
1.3 Estágio Curricular			
Estágio Supervisionado I	04	60	Não há
Estágio Supervisionado II	04	60	Não há
Estágio Supervisionado III	03	45	Não há
Estágio Supervisionado IV	04	60	Não há
Estágio Supervisionado V	04	60	Não há
Estágio Supervisionado VI	04	60	Não há
Estágio Supervisionado VII	04	60	Não há
SUB-TOTAL	27	405	
2. Conteúdos Complementares			

2.1 Conteúdos Complementares Obrigatórios			
Introdução às Estruturas Antropológicas do Imaginário	03	45	Não há
Metodologia do Trabalho Científico	03	45	Não há
Pesquisa Aplicada às Ciências das Religiões	03	45	Não há
Introdução ao Latim	04	60	Não há
Oficina de Teatro	04	60	Não há
Arte Sacra Greco-Romana	04	60	Não há
Arte Sacra Indígena e Afro-Brasileira	04	60	Não há
Arte Sacra Oriental	04	60	Não há
Arte Sacra Judaico-cristã	04	60	Não há
Arte Sacra Islâmica e Medieval	04	60	Não há
Festas Religiosas Populares	04	60	Não há
Trabalho de Conclusão de Curso	03	45	Não há
SUB-TOTAL	44	660	
2.2 Conteúdos Complementares Optativos – 12cr/180 hs Dos créditos acima, o aluno deverá cursar no mínimo 3 créditos do Eixo Temático II e 3 créditos do Eixo Temático III			
2.2.1. Eixo Temático I - Conteúdos complementares optativos da formação pedagógica			
Economia da Educação	04	60	Não há
Fundamentos da Administração da Educação	04	60	Não há
Educação Sexual	03	45	Não há
Fundamentos Biológicos da Educação	04	60	Não há
Antropologia da Educação	03	45	Não há
2.2.2. Eixo Temático II - Conteúdos complementares optativos da formação pedagógica			
Planejamento e Gestão escolar	04	60	Não há
Currículo e Trabalho Pedagógico	04	60	Não há
Pesquisa e Cotidiano Escolar	04	60	Não há
Educação e Inclusão Social	03	45	Não há
Legislação sobre o Ensino Religioso	03	45	Não há
2.2.3. Eixo Temático III - Conteúdos complementares optativos da formação pedagógica			
Avaliação da Aprendizagem	04	60	Não há
Seminário de Problemas Atuais em Educação	04	60	Não há
Alfabetização de Jovens e Adultos: Processos e Métodos	04	60	Não há
Educação e Movimentos Sociais	04	60	Não há
Introdução aos Recursos Audiovisuais em Educação	03	45	Não há
Seminário de Educação Ambiental	03	45	Não há
2.4. Conteúdos optativos gerais			
Alquimia	04	60	Não há

Ciclo arturiano	04	60	Não há
Desafios do cristianismo contemporâneo	04	60	Não há
Escolas de Mistérios	04	60	Não há
Geometria Sagrada	04	60	Não há
Gênero e Religião	04	60	Não há
Gnose	04	60	Não há
Heresias	04	60	Não há
Iniciação	04	60	Não há
Jung e o simbolismo religioso	04	60	Não há
Messianismo	04	60	Não há
Mitos da criação	04	60	Não há
Plantas Sagradas	04	60	Não há
Religião e Direitos Humanos	04	60	Não há
Trajectoria do Espiritismo	04	60	Não há
Xamanismo	04	60	Não há
Tópicos Especiais em Ciências das Religiões I	01	15	Não há
Tópicos Especiais em Ciências das Religiões II	02	30	Não há
Tópicos Especiais em Ciências das Religiões III	03	45	Não há
Tópicos Especiais em Ciências das Religiões VI	04	60	Não há
2.3 Conteúdos Complementares Flexíveis			
Jornada em Ciências das Religiões I	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões II	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões III	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões IV	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões V	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões VI	01	15	Não há
Jornada em Ciências das Religiões VII	01	15	Não há
SUB-TOTAL	07	105	

6. Marco Teórico e Metodologia

Os componentes curriculares do Curso de Graduação em Ciências das Religiões foram estruturados em quatro eixos principais.

- a) Eixo Teórico
- b) Eixo Metodológico
- c) Eixo Específico
- d) Eixos da Licenciatura

O Eixo Teórico trabalhará os conteúdos das diversas áreas do conhecimento. Estes conteúdos darão a sustentação teórica necessária para a formação pluralista desejada.

O Eixo Metodológico está estruturado para a formação do pesquisador na área das ciências das religiões. Das várias teorias existentes sobre a decodificação dos sistemas simbólicos, este PPP optou pelo instrumental proposto pelas Estruturas Antropológicas do Imaginário, de Gilbert Durand, como marco teórico e instrumental metodológico privilegiados.

O Eixo Específico tratará nos primeiros quatro períodos letivos das religiões pagãs e politeístas. Nele serão abordadas as mitologias Ocidentais e Orientais, bem como as indígenas e afro-brasileiras. Do quinto ao sétimo período letivo serão abordadas as religiões monoteístas e no oitavo período as novas expressões da religiosidade, resultantes do processo de globalização. Como religião é cultura, este eixo está dedicado ao estudo das manifestações culturais características de cada período histórico, a partir da análise da arquitetura, pintura, escultura, música, dança e teatro de cada expressão religiosa.

Finalmente, o Eixo da Licenciatura, voltado para a formação do docente em todos os níveis. A metodologia a ser utilizada no curso privilegiará o uso de imagens em todas as suas formas de apresentação, desde um gráfico até as digitalizadas, sem prejuízo das aulas expositivas, estimulando sempre a participação discente. Embora presencial, será estimulada a aula virtual em até vinte por cento do conteúdo programático, preparando assim o corpo docente para uma futura oferta do curso na modalidade a distância.

7. Estágios Supervisionados

O Estágio Supervisionado do Curso de Graduação em Ciências das Religiões é entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, o discente se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do ensino e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o Estágio Curricular Supervisionado supõe uma relação pedagógica entre um profissional reconhecido em ambiente institucional de trabalho e de um aluno estagiário.

O estágio como um componente curricular obrigatório é norteado e articulado pelos princípios da relação teoria-prática e da integração ensino-pesquisa e extensão. A aproximação do estudante à realidade de sua futura atuação profissional e a sua vivência, ainda durante a formação inicial, será trabalhada pelos professores

orientadores e pelo professor responsável pela turma de estágio sob a forma de várias atividades definidas nos projetos de estágio dos alunos.

A prática curricular presente nos estágios se constitui em um conjunto de atividades teórico-práticas que têm como objeto de trabalho os elementos comuns presentes nas práticas profissionais dos docentes, gestores e especialistas que atuam, principalmente, na rede pública de ensino.

O aluno estagiário do Curso de Graduação em Ciências das Religiões realizará sete estágios ao longo do curso:

Os estágios I, II estão voltados para as atividades de observação do aluno estagiário junto ao professor-regente que ministra nas escolas a disciplina “Ensino Religioso”;

Nos estágios III e IV o aluno estagiário iniciará uma aproximação/participação maior junto aos docentes no momento das atividades teórico-práticas, participando em conjunto com o professor do planejamento e da regência da disciplina “Ensino Religioso”;

Nos estágios V e VI os alunos realizarão, as atividades de regência sob a orientação do professor do campo de estágio, ficando este como observador e avaliador;

No estágio VII os alunos deverão realizar e concluir o projeto de pesquisa e intervenção que foram elaborados na disciplina Metodologia Científica II, a fim de vivenciar a experiência integrada com os demais profissionais do campo de estágio, que culminará com o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

2.1 Objetivo Geral do Estágio:

Propiciar ao aluno estagiário o conhecimento da prática pedagógica desenvolvida no campo de estágio, a partir da caracterização, contextualização e análise desta prática na escola e na sociedade, e da vivência de experiências pedagógicas de docência no campo do ensino religioso.

2.2 Objetivos Específicos:

Estágio I e II:

- Aproximar o aluno da realidade na qual irá atuar possibilitando-lhe a compreensão desta realidade e de suas determinações.
- Propiciar uma visão sobre e a partir da realidade da escola que possibilite ao aluno uma compreensão contextualizada e de conjunto da prática educativa.

- Examinar as condições em que se realiza o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, caracterizando e problematizando a prática pedagógica nela realizada.

Estágio III e IV:

- Aprender o processo de planejamento e regência do trabalho pedagógico realizado na disciplina “Ensino Religioso”.
- Oportunizar a participação do aluno-estagiário na dinâmica da sala de aula, em cooperação com o trabalho do professor-regente de classe.

Estágio V e VI:

- Assumir a experiência da regência da disciplina “Ensino Religioso” sob a orientação e avaliação do professor-regente.
- Elaborar, executar e avaliar planos de ensino nas áreas de conhecimento específico.

Estágio VII:

- Executar propostas de ensino, novas atividades, oficinas pedagógicas e outras ações educativas envolvendo temáticas específicas e interdisciplinares, a partir das necessidades identificadas no seu projeto de pesquisa.
- Elaborar e defender o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

8. Laboratório MATIAS GUIZANDA de estudos religiosos

O **objetivo** deste Laboratório é o estudo de textos religiosos em seu sentido amplo. Tanto textos orais de manifestação religiosa popular, quanto textos escritos das mais variadas épocas e lugares, como também os textos da tradição clássica greco-latina, da tradição judaico-cristã, da tradição muçulmana, da religiosidade do extremo oriente (notadamente, China, Japão e Coréia), da tradição indo-européia do Oriente Médio (hititas, persas e indianos), da tradição em línguas semitas do oriente médio (Suméria, Babilônia, Acádia, Fenícia, Egito, Chipre), da tradição cristã com seus desdobramentos pelas Idades Média e Moderna e na Modernidade contemporânea. De particular interesse para o Laboratório são os fenômenos religiosos do Nordeste do Brasil – especialmente o Nordeste Oriental – que amplamente se apóiam nas diversas culturas indígenas e africanas e na raiz ibérica da cultura brasileira. Neste sentido,

notadamente o messianismo e os processos inquisitoriais do Brasil colonial, além do chamado “crime de curandeirismo” no período republicano, são temas prioritários para as atividades do Laboratório.

O Laboratório tem como meta encontrar esses textos, adquiri-los, conservá-los, estudá-los (transcrição, tradução, interpretação), torná-los disponíveis para acesso aos pesquisadores interessados e (re)publicá-los. Espera-se, em todas as fases do processo, o envolvimento dos pesquisadores em Ciências das Religiões, cada qual em sua especialidade, bem como a participação ampla dos alunos, que terão a oportunidade de acompanhar e desenvolver uma etapa completa do ciclo de estudos. O produto gerado pelo Laboratório será divulgado tanto por meio de publicações próprias, como pela revista *Religare – Revista de Ciências das Religiões*. Será incentivada e realizada a participação em congressos, simpósios, Grupos de Estudos oficializados na base CNPq, semanas de estudo e disciplinas da Graduação.

O nome do Laboratório é uma homenagem a um réu do Tribunal do Santo Ofício de Portugal, preso na primeira década do século XIX no Recife. Guizanda foi acusado de portar uma “bolsa de mandinga” com escritos não cristãos. A sonoridade africana do seu nome, a acusação de feitiço para “fechar o corpo” com a mandinga, o fato de declarar-se cristão e o uso de bolsas semelhantes pelos malês baianos de orientação muçulmana no mesmo período histórico, tornam este personagem histórico uma síntese ideal para perceber a formação religiosa plural inicial do nosso povo, caracterizada pelo hibridismo de crenças.

9. Flexibilização curricular

A flexibilização será proporcionada pela oferta de conteúdos optativos de tal forma que o estudante possa escolher os mais importantes para o seu projeto pessoal. Sua participação em eventos científicos, grupos de pesquisa e extensão universitária será computada para fins de integralização curricular, desde que acompanhada de certificação. A participação em evento científico com apresentação de trabalho receberá pontuação diferenciada, definida regimentalmente pelo Colegiado do Curso. Concluído o curso, o aluno poderá cursar as disciplinas da outra formação, integralizando os conteúdos no prazo mínimo de 2 (dois) períodos letivos e no máximo de 4 (quatro) períodos letivos.

A **Jornada de Ciências das Religiões** será um evento acadêmico de conteúdo flexível, organizado por uma comissão composta pelos professores que ministraram

aulas no período e por estudantes. Cada evento contará com a presença de um convidado especial que fará uma palestra sobre um tema específico, seguida da apresentação/exposição dos trabalhos teóricos e artísticos realizados durante o período letivo. Estando cada período letivo destinado a uma determinada cultura ou época histórica, será estimulada a apresentação de trabalhos que visem retratar o que foi aprendido sobre a cultura ou o período histórico, estudados em suas múltiplas manifestações.

10. Integração entre Graduação e Pós-Graduação

O Curso de Graduação em Ciências das Religiões está profundamente integrado com a pós-graduação visto que nasceu dela. Seu surgimento se deu em razão do êxito alcançado pela Pós-Graduação em Ciências das Religiões, que mantém o Curso de Mestrado e também os de Especialização e Extensão em Ciências das Religiões.

11. A Tutoria

No atual Projeto Político Pedagógico está previsto que as funções de Tutoria serão desempenhadas pela Coordenação do Curso durante o primeiro período letivo, função que será desempenhada pelo Coordenador dos Estágios Supervisionados.

No 7º período o discente formalizará a escolha de um orientador, responsável pela orientação da monografia e pelo aconselhamento do discente na escolha dos conteúdos optativos e flexíveis, oferecidos pelo Curso ou fora dele, que mais se adequem à formação pretendida. A escolha do docente será oficializada junto a coordenação do curso.

12. Trabalho de Conclusão de Curso

No 7º período letivo os estudantes iniciarão sua monografia e ao final deste, serão avaliados por uma Comissão Examinadora, composta pelo Coordenador do curso (membro permanente), pelo Orientador e por um professor convidado, especialista no tema da monografia que emitirão um parecer técnico sobre o trabalho monográfico.

No final do 8º período e também do curso, a avaliação do TCC será pública. A apresentação coletiva envolvendo estudantes, orientadores e professores, certamente promoverá uma elevação na qualidade dos trabalhos apresentados, em função do processo de crítica e autocrítica implícitos neste processo.

Esta avaliação tem por objetivo:

a) Preparar o aluno para enfrentar processos seletivos na área acadêmica ou fora dela. Acreditamos que a defesa pública é um tipo de avaliação transparente, didática, e uma excelente oportunidade para o estudante treinar seu desempenho pessoal na apresentação em público. Depois de submetidos a experiências diversificadas de avaliação do seu trabalho, certamente estará mais seguro para enfrentar este mesmo processo quando da seleção de mestrado, se esta for sua opção.

b) Quanto à programação de atividades: A Coordenação do curso, ao estar envolvida diretamente na avaliação dos projetos de monografia e na Banca Examinadora dos TCCs, certamente ficará mais próxima das necessidades dos estudantes, inclusive para fazer o elenco das disciplinas optativas a serem oferecidas a cada semestre de modo a atender os interesses dos alunos.

13. Prêmio Honorífico Mahatma Gandhi

Os melhores Trabalhos de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências das Religiões concorrerão ao “Prêmio Honorífico Mahatma Gandhi”, conforme os seguintes critérios:

- I. Será agraciado apenas 1 (um) concluinte a cada encerramento de curso.
- II. Será considerado vencedor do “Prêmio Mahatma Gandhi” o concluinte que obtiver a maior nota, resultante da aplicação da seguinte equação:

$$X = CRE \times Nca/Ncs + (PME \times 0,5) + TCC$$

Coefficiente de premiação para alunos concluintes:

- a) CRE = coeficiente de rendimento escolar
 - b) Nca = número de créditos acumulados
 - c) Ncs = número de créditos solicitados
 - d) PME = Participação em Pesquisa, Monitoria e Extensão
 - e) TCC = Nota do Trabalho de Conclusão de Curso
- III. Não haverá premiação quando o resultado final for menor que 7 (sete).
 - IV. Em caso de empate será considerado vencedor o aluno que possuir o maior CRE.
 - V. O Prêmio Honorífico Mahatma Gandhi consistirá de um Certificado e da indicação oficial para a publicação de um artigo extraído da monografia em uma revista indexada Qualis Nacional A.
 - VI. O resultado será divulgado no momento da premiação, durante a solenidade de colação de grau.

A Comissão julgadora será constituída pelos seguintes membros:

- a) Coordenador do Curso de Ciências das Religiões

- b) Chefe do Departamento de Ciências das Religiões
- c) Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
- d) Um docente do Curso de Graduação em Ciências das Religiões
- e) Um docente externo ao curso.

14. Sistema de Recuperação do Discente

No caso de reprovação em **uma** ou, **no máximo duas** disciplinas, o aluno entrará no **Sistema de Dependência**, onde será atendido individualmente ou em grupo pelo professor da disciplina, ou por outro professor, designado pela Coordenação. A recuperação do(s) aluno(os) reprovado(s) poderá ser feita intensivamente durante os recessos, ou extensivamente durante o período letivo subsequente à reprovação, ficando a escolha à critério da Coordenação do Curso. No entanto, se o aluno ficar em mais do que 2 (duas) dependências, ele deverá refazer todo o semestre, com exceção das disciplinas em que ele obteve aprovação. Cada período letivo será pré-requisito do subsequente, sendo desejável que a matrícula contemple todas as disciplinas oferecidas no período. Caso isso não possa acontecer, o estudante deverá se matricular obrigatoriamente em **pelo menos uma** disciplina.

15. Perfil profissional

Tentando superar a abordagem polarizada imposta pelo dualismo da realidade que, por ser polarizada, normalmente conduz a uma formação dicotomizada, o Curso de Graduação em Ciências das Religiões se propõe a dar uma formação holística, integral, não excludente. Para isso a estrutura pedagógica do curso está amparada nas seguintes premissas:

a) Compatibilização entre o especialista e o generalista – Consideramos que qualquer posição estremada entre especialização/generalização é prejudicial. Entendemos que o desafio para a formação do mestrando consiste em descobrir o ponto de equilíbrio que combine o máximo de especialização, sem perda da visão de conjunto, e uma generalidade que não comprometa o aprofundamento do conhecimento.

b) Capacidade de pensar o local simultaneamente com o global – O processo de globalização em curso recoloca em novos parâmetros as conexões presentes entre esses dois níveis da dimensão sócio-espacial, exigindo o desenvolvimento da capacidade de refletir, relacionar e agir tanto nos planos: local e regional, nacional e mundial. Entendemos que é necessário tornar o discente apto para acompanhar esse fluxo dialético entre pólos que não se excluem e que se influenciam mutuamente.

c) Necessidade de exercitar uma efetiva visão interdisciplinar – A complexidade crescente da realidade social caminha no sentido contrário à compartimentalização do conhecimento. A cristalização das barreiras disciplinares e a perda da permeabilidade entre os diversos campos do saber limitam a compreensão da realidade. Importa, pois, aceitar o desafio de articular disciplinas, conhecimentos, linguagens e práticas visando uma construção integradora.

d) Exercício do olhar pluridimensional – A experiência tem demonstrado que a compreensão e explicações unidimensionais da realidade são muito pouco fidedignas. A constituição do real é sempre mais plural que singular e sua interpretação exige que se observem as múltiplas dimensões que o condicionam;

e) Integração entre subjetividade e objetividade - Aqui atenta-se para a necessidade de superar a postura mecanicista que reduz a realidade apenas aos seus aspectos observáveis e quantificáveis. Integrar os significados, valores, emoções, sentimentos e motivos que movem a vida e fazem do ser humano, humano. Capacitar o egresso do programa a fazer uma leitura dialética da realidade, que conjugue a objetividade e a subjetividade do fenômeno religioso é um dos nossos objetivos.

f) Estímulo a reflexão crítica - Este, talvez, seja o principal aspecto a ressaltar na formação do egresso. Criticar significa julgar, avaliar, duvidar e estabelecer critérios. Implica numa atitude questionadora e curiosa que busca o outro lado daquilo que está dado. A crítica é o sal do saber. É ela que permite o desvendamento dos discursos. É ela quem previne a reprodução mecânica dos saberes que povoam nosso tempo midiático.

g) Integração da dimensão ética nas práticas sociais – A ciência se divorcia da ética sempre que se coloca a serviço dos sistemas econômicos e das estruturas de poder. A ciência sempre perde a dimensão ética dos fatos quando substitui o ser humano como o centro de suas preocupações, para assumir interesses corporativos. O fato de não existir conhecimento valorativamente neutro torna a dimensão ética inseparável da produção e aplicação do saber.

h) Estimular a capacidade de ser simultaneamente agente e sujeito de sua formação – É necessário que o ensino superior deixe de atuar como mero instrumento de transmissão de conhecimentos e informações e adote a perspectiva de preparar o futuro egresso para enfrentar os problemas colocados pelas mudanças vertiginosas de um mundo globalizado, de uma sociedade tecnicista e, paradoxalmente, de religiões que emergem e se propagam por todos os continentes.

i) Ser um Profissional competente – Mais do que em qualquer período da História, hoje se requer competência no desempenho do exercício profissional. O Curso de Graduação em Ciências das Religiões tem como eixo estruturador a pesquisa. A competência profissional está intimamente relacionada com a capacidade de buscar informações, processá-las, analisá-las e, a partir delas, propor análises explicativas.

16. Competências e Atitudes e Habilidades

O Curso de Graduação em Ciências das Religiões formará um egresso capaz de:

- Identificar, questionar e se posicionar frente aos problemas religiosos que emergem da realidade social no mundo contemporâneo;
- Identificar nas Ciências das Religiões um instrumento analítico e propositivo para a compreensão dos conflitos sócio-culturais e políticos do mundo contemporâneo.
- Elaborar uma reflexão crítica sobre a interconexão entre a teoria, a pesquisa e a prática religiosa.
- Desenvolver as habilidades e competências necessárias para a pesquisa de temas e textos religiosos.

17. Campo de atuação profissional

A licenciatura em Ciências das Religiões capacitará para docência em todos os níveis, sobretudo na disciplina “Ensino Religioso” no ensino básico, conforme determinação da LDB, podendo atuar também como pesquisador ou consultor junto a órgãos de pesquisa públicos e privados, organizações governamentais e não governamentais e entidades confessionais.

18. Sistemática de concretização do PPP e Avaliação

Para a concretização deste PPP são necessárias algumas providências:

- a) Criação do Departamento de Ciências das Religiões para dar suporte à lotação dos futuros docentes que o integrarão.
- b) Para que o DCR e a coordenação do Curso de Graduação possam funcionar desde o momento de sua criação, já lhes foram destinados duas salas administrativas.

- c) Para que seja garantida a avaliação permanente do curso será constituída uma COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO, composta por um docente do Departamento de Ciências das Religiões, um docente externo e um representante dos alunos, eleita pelo colegiado do curso e renovada na mesma época da eleição para a coordenação. Esta Comissão terá a responsabilidade de apresentar um relatório anual das atividades desenvolvidas pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões, a partir de enquetes realizadas juntos aos docentes e discentes do curso. Mais do que mera formalidade, estes relatórios traçarão as reformulações de percurso para a melhoria do curso. Estes relatórios de avaliação serão encaminhados anualmente para conhecimento da Comissão Permanente para Melhoria do Ensino (CPME) da Pró-Reitoria de Graduação da UFPB.

ANEXO I

EMENTAS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES LICENCIATURA

EIXO TEÓRICO:

01. ANTROPOLOGIA DAS RELIGIÕES

Gênese da antropologia. Espaço e Tempo antropológico. Cultura e natureza. Identidade cultural. Identidade étnica. Etnicidade e estrutura social. O fenômeno religioso. Mito e rito. Ethos e coismovisão.

02. CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Pressupostos do estudo científico das religiões. As ciências das religiões; Relações entre ciências das religiões com a teologia e com a filosofia das religiões. Ateísmo. Agnosticismo. As escolas fenomenológicas. As escolas histórico-religiosas. As escolas sociológicas clássicas. As escolas sociológicas contemporâneas. As escolas psicológicas. As escolas antropológicas.

03. ALIMENTOS SAGRADOS: RITOS E INTERDIÇÕES

Alimentação e religião. Bebidas e alimentos sagrados. Rituais e interdições alimentares nas diversas religiões. História da alimentação. Folclore alimentar. Plantas sagradas. Dietética popular e qualidade dos alimentos. Sistemas alimentares e Patrimônio Imaterial. Representações sociais da alimentação.

04. PSICOLOGIA DO FENÔMENO RELIGIOSO

As diferentes abordagens do fenômeno religioso na perspectiva da Psicologia antiga e contemporânea. A alma como objeto da especulação metafísica. O comportamento enquanto objeto de investigação científica. Freud: a religião enquanto neurose, Jung: a religião enquanto natureza arquetípica. Frankl: a dimensão noética como fator de cura. O fenômeno religioso na perspectiva Transpessoal. Estudos atuais sobre o fenômeno religioso.

05. BASES DO MONOTEÍSMO

Conceitos de Deus, Sagrado, Religião e Religiosidade nos formatos do monoteísmo. Aproximações conceituais: Fundamentalismo religioso, Sincretismo, Ecumenismo, Escatologia. A(s) teologia(s) das religiões monoteístas. Afinidade e singularidade. Paradigmas teológicos como objetos de estudos das Ciências das Religiões.

06. ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

Dicotomia cartesiana mente/corpo. Relações mente/corpo (metafísica). História da medicina psicossomática. Processo multifatorial do adoecimento. Aspectos biopsicossociais do adoecimento (distúrbios depressivos, respiratórios, dermatológicos, reumatológicos, neoplásicos). Neuroimunomodulação. Psiconeuroimunologia. Estresse. Coping (enfrentamento religioso/espiritual). Religião e saúde mental. Terapias alternativas (cognitivo-comportamental, hipnose, meditação, exercícios, relaxamento). Saúde holística. Medicina popular. Humanização da equipe de saúde.

07. MITANÁLISE DO TEMPO RELIGIOSO

Conceito de História diante do tempo mítico: o tempo histórico e o tempo religioso. Os usos da História no entendimento do fenômeno religioso: uma abordagem conceitual e analítica através da Mitanálise. Religião, religiosidade e o seu papel identitário. Pré-história: o *deslumbramento* do homem e o transcendente. Religiões orientais: origens e ramificações. Religiões ocidentais: origens e ramificações.

08. ÉTICA I

Definição de ética. Diferença entre ética e moral. Consciência, Autonomia e Coerência. Juízo de valor. Código de ética. Noção de Bem e Mal. Deus e a idéia de Bem, o Demônio e a idéia de Mal: origens e trajetória do reducionismo dualista. A Ética e sua base fundamental na Transcendência do Mundo.

EIXO METODOLÓGICO:

09. INTRODUÇÃO ÀS ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO
O contexto histórico-científico. As raízes da Teoria de Gilbert Durand no conhecimento ocidental. Metodologia. A exploração do imaginário. Vocabulário e métodos do Imaginário. As hermenêuticas e as convergências. Psicologismo metodológico. Mito e semantismo. Os regimes da imagem. A reflexologia e o imaginário. As estruturas do imaginário. O imaginário lusitano e o imaginário brasileiro.
10. ESTUDOS ETNOGRÁFICOS
Como realizar observações e entrevistas *in loco*. Técnicas para recolher dados objetivos e subjetivos. Técnicas para registro e compilação dos dados. Técnicas para filtrar e interpretar dados.
11. INTRODUÇÃO AOS SISTEMAS SIMBÓLICOS
O simbólico como campo de estudo. Trocas simbólicas. Capital simbólico. Consumo dos objetos simbólicos. Signo, significado e significante.
12. PESQUISA APLICADA ÀS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
A imagem, o imaginário e a imaginação. O imaginário e a cultura. O trajeto da imagem e o retorno na modernidade. A escola francesa do imaginário. Técnicas de pesquisa.
13. ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO
Noções em torno das Estruturas Antropológicas do Imaginário. A atualidade do quadro teórico. O sentido do imaginário no debate cultural e seus usos hodiernos e científicos. A teorização sobre o imaginário e suas vertentes possíveis. Aprofundamento das noções e usos das Estruturas Antropológicas do Imaginário. A cultura brasileira e o imaginário.
14. MITOCRÍTICA e MITANÁLISE
Os métodos e o sentido do imaginário. Noções metodológicas de outras áreas do conhecimento em torno das Estruturas Antropológicas do Imaginário (EAI). Mitocrítica e Mitanálise como proposições metodológicas específicas das EAI e sua aplicabilidade.
15. METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO
Elaboração do projeto da monografia. Construção e recorte do objeto. Formulação do problema e hipóteses. Pesquisa bibliográfica. Pesquisa de campo. Construção e aplicação do instrumental de coleta de dados. Sistematização dos dados. Normas para redação do trabalho científico. Normas da ABNT.
16. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Redação final e defesa pública da monografia.

CONTEÚDOS CURRICULARES DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

17. MITOLOGIAS DO ORIENTE MÉDIO
Mitologia suméria e assírio-babilônica. Mitos Cosmogônicos e Teogônicos. Os templos e as Escolas Iniciáticas. Conceitos de morte, reencarnação, dualidade, polaridade. Conceitos de Bem e Mal.
18. MITOLOGIAS GRECO-ROMANA E NÓRDICA
Formação do mundo e nascimento dos deuses. A revolta dos Titãs. Origem da humanidade. Olimpo. Mitologia épica. Os Mistérios de Elêusis. As divindades e o

nascimento do Império Romano. Panteão nórdico. Ciclo do Anel: de Wagner a Tolken. Nietzsche e o crepúsculo dos deuses.

19. MITOLOGIAS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIRAS

Análise das culturas: Navajos, Sioux, Anassassis, Olmeca, Tolteca, Zapoteca e Asteca. Inca e Maia. Tupi-guaranis, Macro-Jê e Aruak. Religiões afro-brasileiras: Candomblé, Umbanda, Quimbanda. Estrutura mítica, ritualística e institucional. Orixás, Babalorixás. Yalorixás. Iniciações e transmissão do Axé. O Sacrifício animal. O jogo de Búzios. A incorporação.

20. RELIGIÕES ORIENTAIS

Origens do Taoísmo. Confucionismo e os governantes. As invasões indo-européias. Ramayana e Mahabarata. Os Vedas. Cosmogonia e teogonia védica. Budismo. Budismo Zen e Budismo Tibetano. As quatro nobres verdades, o nobre caminho de oito passos, o Dharma, a Sangha, o Samsara e a roda da vida, o Nirvana. Algumas características: o budismo como religião não-teísta, não-especulativa, não-tradicional e experimental. Principais divisões internas: Hinayana, Mahayana e Vajrayana; a expressão Zen no Japão, o Budismo Tibetano e outras variações. Xintoísmo.

21. JUDAÍSMO E CRISTIANISMO PRIMITIVO

História do povo hebreu. Abraão e o Monoteísmo. As doze tribos de Israel e sua história. Livro sagrado do povo hebreu e seu idioma. Interpretação Bíblica e suas traduções. O Templo e a Sinagoga. Festas Judaicas e seus significados. Os profetas. Escritos Sagrados ou Hagiógrafos. O contexto romano e judaico do surgimento do Cristianismo. O Jesus Histórico: teorias e abordagens. A Igreja e o Estado Romano. A elaboração dos textos sagrados e as reações das comunidades cristãs. As conversões dos pagãos e dos povos germânicos. Os Padres da Igreja e a formação da teologia cristã. Contestações internas e externas: as heresias e o cisma. Análise dos evangelhos apócrifos.

22. ISLAMISMO E CRISTIANISMO MEDIEVAL

Origens do Islã. O Profeta Muhammad. O Islamismo e as Cruzadas. Império Otomano. Influência do Islã no Ocidente. A Alquimia. Os cinco pilares do Islã. A Jihad. O Alcorão. Estrutura do Alcorão. Divisão para leitura e recitação. Alcorão e cultura islâmica. História do Cristianismo Medieval. O cristianismo latino na Alta Idade Média. A conversão dos bárbaros e a luta contra o Islã. A reforma gregoriana. A teocracia papal. O tomismo. As heresias e outras contestações à Igreja. A crise da cristandade e do papado no final da Idade Média.

23. REFORMAS NA CRISTANDADE

A Reforma Protestante e o nascimento do movimento evangélico. A *renovação* do cristianismo. O conceito de múltiplas reformas na cristandade. As correntes e denominações evangélicas e seu crescimento pelo mundo. O ecumenismo contemporâneo. Pentecostalismo e movimentos derivados. As grandes instituições evangélicas.

24. NOVAS EXPRESSÕES RELIGIOSAS

O Desencantamento do Mundo e as Religiões contemporâneas. Religiões Mediúnicas. Doutrina Espírita. Imortalidade da Alma. Reencarnação. Mediunidade. Comunicabilidade com os Espíritos. Lei da Evolução. Lei de Causa e Efeito. Lei Moral. Novos movimentos de antigas tradições. O retorno da magia e da feitiçaria na pós-modernidade. O universo virtual da web e a fé. As novas espiritualidades e o reencantamento do mundo.

CONTEÚDOS CURRICULARES COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIOS

25. INTRODUÇÃO AO LATIM

O amplo contexto em que a língua era usada: onde, por quem, quando, em que circunstâncias. As diversas variedades do latim: clássico, escrito, falado, vulgar. As pronúncias do latim: tradicional, restaurada e eclesiástica. Estudo da oração: sujeito e

predicado. As funções sintáticas e o sistema de casos. Primeira, segunda e terceira declinação. Verbos regulares no indicativo, imperfeito, imperativo e futuro. O verbo irregular “sum”. Leitura e interpretação de textos simples, nos quais são aplicados os conceitos acima estudados.

26. OFICINA DE TEATRO

Jogos dramáticos, construção de personagens, improvisação teatral, construção de cenas a partir de temas das grandes mitologias do mundo.

27. ARTE SACRA GRECO-ROMANA

Arquitetura. Escultura. Pintura. Danças Sagradas. Indumentária e Aparatos religiosos.

28. ARTE INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA

Pintura corporal. Plumagem. Totens. Cestaria. Cerâmica. Esculturas. Máscaras. Indumentária e Aparatos religiosos.

29. ARTE SACRA ORIENTAL

Arquitetura. Escultura. Pintura. Danças Sagradas. Indumentária e Aparatos religiosos

30. ARTE SACRA JUDAICO-CRISTÃ

Arquitetura. Escultura. Pintura. Danças Sagradas. Indumentária e Aparatos religiosos

31. ARTE SACRA ISLÂMICA E MEDIEVAL

Concepções de arte: no Alcorão, no Islamismo e na Cristandade Medieval. Arquitetura. Escultura. Pintura. Indumentária e Aparatos religiosos

32. FESTAS RELIGIOSAS POPULARES

Festas populares religiosas das grandes tradições do mundo, em seus aspectos ritualísticos.

CONTEÚDOS CURRICULARES ESPECÍFICOS DA LICENCIATURA

33. FUNDAMENTOS ANTROPO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

Estudo dos saberes teóricos, do surgimento das idéias, do pensamento e das linguagens que dão suporte a ações substanciais que orientam processos de ensino-aprendizagem.

34. FUNDAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

Estudo da contribuição das ciências sociais e humanas para a compreensão do fenômeno educativo e sua aplicação no processo de formação do educador.

35. FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Estudo dos saberes teóricos sobre o desenvolvimento psicológico e a aprendizagem humana aplicados ao processo de ensino-aprendizagem.

36. POLÍTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

O campo de estudo da disciplina e seu significado na formação do educador. A política, a legislação e as tendências educacionais para a Educação Básica, no contexto das mudanças estruturais e conjunturais da sociedade brasileira. Políticas para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio no Brasil e, particularmente, na Paraíba, a partir da nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96). Modelos organizacionais de escola e formas de gestão. Princípios e características da gestão escola participativa. Práticas organizacionais e administrativas na escola. Gestão educacional e desafios do cotidiano escolar. Profissionais da educação]: formação, carreira e organização política.

37. DIDÁTICA

A didática e suas dimensões político-social, técnica humana e as implicações no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem; O objeto da didática; Pressupostos teóricos, históricos, filosóficos e sociais da didática; Tendências

pedagógicas e a didática; Planejamento de ensino; O ato educativo e a relação professor-aluno.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

38. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I e II
Desenvolver atividades de observação do aluno estagiário junto ao professor-regente que ministra nas escolas a disciplina “Ensino Religioso”;
39. ESTÁGIO SUPERVISIONADO III e IV
O aluno estagiário inicia uma aproximação/participação maior junto aos docentes no momento das atividades teórico-práticas, participando em conjunto com o professor do planejamento e regência da disciplina “Ensino Religioso”;
40. ESTÁGIO SUPERVISIONADO V e VI
O aluno realiza, sob a orientação do professor do campo de estágio, as atividades de regência, ficando o professor como observador e avaliador;
41. ESTÁGIO SUPERVISIONADO VII
O aluno deve realizar e concluir o projeto de pesquisa e intervenção que foi elaborado na disciplina Metodologia Científica II, que redundará no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

CONTEÚDOS CURRICULARES OPTATIVOS GERAIS

42. ALQUIMIA
Origem da alquimia. Alquimia e filosofia no Ocidente e Oriente. Os metais e o seu simbolismo. A pedra filosofal. Laboratório alquímico. Os primeiros alquimistas. A alquimia na Idade Média. A alquimia na Renascença. A alquimia na Idade Moderna. A alquimia e a arte. A alquimia no Oriente. A alquimia nos dias atuais e sua relação com a Física, a Medicina e a Psicologia.
43. CICLO ARTURIANO
Eleonor de Aquitânia e o trovadorismo. O amor cortez. A busca pelo Graal. Objetos como Graal. Os Templários. A busca na Idade Média. Teses contemporâneas sobre o Graal.
44. DESAFIOS DO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO
Resgate histórico do protestantismo. Igrejas Protestantes Históricas. Pentecostalismo. Neo-Pentecostalismo. Cristianismo antes e depois do Concílio Vaticano II. Teologia da Libertação. Movimento carismático.
45. ESCOLAS DE MISTÉRIOS
Hermetismo. Maçonaria. Rosa Cruz. Teosofia. Eubiose. Antroposofia.
46. GEOMETRIA SAGRADA
A geometria egípcia. Fundamentos sagrados da geometria. Pitágoras e a música. Platão e os sólidos platônicos. A geometria das catedrais medievais. Os fundamentos simbólicos da geometria medieval.
47. GÊNERO E RELIGIÃO
As deusas primitivas. A mulher na mitologia. Matriarcado e Matrilinearidade. A mulher nas religiões monoteístas. Conseqüências da Revolução Sexual dos anos 60. Novos conceitos de Mulher e Feminino.
48. GNOSE
Origem da Gnose. Conceitos de Pleroma, Demiurgo e Sophia. Arianismo. Mandeísmo. Maniqueísmo. Marcionismo. Nestorianismo. Valentinianismo. Os Essênios. Evangelhos Apócrifos. Manuscritos do Mar Morto.
49. HERESIAS

O conceito de heresia, o pecado e a apostasia. A unidade cristã e as heresias em outras religiões. Os primeiros hereges e a doutrina da punição. As heresias medievais: integração ou repressão. A justiça principesca e as culpas religiosas. A Inquisição medieval. Direito processual investigativo. As heresias modernas. As Inquisições cristãs modernas. O cristianismo e as heresias no mundo contemporâneo.

50. INICIAÇÃO

O processo de iniciação nas Escolas de Mistérios do Egito e da Grécia. Os Grandes Iniciados da antiguidade: Hermes Trismegistos, Apolônio de Tiana. Os Heróis Civilizadores: Rama, Gilgamesh. A moderna iniciação na Maçonaria e RosaCruz.

51. JUNG E O SIMBOLISMO RELIGIOSO

O si-mesmo e a Sombra. Simbolismo alquímico. Símbolos gnósticos do si-mesmo. Estrutura e dinâmica do si-mesmo.

52. MESSIANISMO

Origens do messianismo. Manifestações da crença na vinda ou retorno de um divino libertador. Sebastianismo. Quinto Império. Super-Homem hegeliano. Juazeiro, Canudos, Contestado. Os novos movimentos milenaristas-messiânicos brasileiros. Borboletas Azuis.

53. MITOS DA CRIAÇÃO

O despertar cosmogônico. Criação vinda de cima. Criação vinda de baixo. Os dois criadores. A divisão dupla e quádrupla do universo. Mito do eterno retorno.

54. PLANTAS SAGRADAS

Plantas Ritualísticas: antigas civilizações, andinas, indígenas e afro-brasileiras. Plantas Alucinógenas: uso terapêutico, ritualístico e profano. Plantas para Incensar, Benzer e Proteger. Plantas Alimentícias, Medicinais e Tóxicas. Ayuaska e Peyote.

55. RELIGIÃO E DIREITOS HUMANOS

As raízes teológicas dos direitos humanos no Ocidente. Os direitos humanos modernos como secularização dos princípios cristãos. A influencia da idéia de fraternidade universal na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. A contribuição das religiões mundiais para a promoção dos direitos humanos na contemporaneidade. Os fundamentalismos religiosos e os direitos humanos. Diálogo inter-religioso e direitos humanos. Uma teologia ecumênica para a paz. Ética das religiões universais e direitos humanos. Por uma fundamentação religiosa dos direitos e das responsabilidades humanas. A Teologia da libertação e os direitos humanos.

56. TRAJETÓRIA DO ESPIRITISMO

Codificação Espírita. Espiritismo e a Existência de Deus. Princípios da Doutrina Espírita. Imortalidade da Alma. Reencarnação. Mediunidade.

57. XAMANISMO

Obtenção dos poderes xamânicos. Iniciação xamânica. Curas mágicas. O simbolismo da indumentária e dos tambores. Ritos e Mitos. Obrigações.

58. TÓPICOS ESPECIAIS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES I

Conteúdo com a duração de 01 (um) crédito, com ementa e programa variáveis, de acordo com o tema a ser abordado pelo professor da disciplina.

59. TÓPICOS ESPECIAIS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES II

Conteúdo com a duração de 02 (dois) créditos, com ementa e programa variáveis, de acordo com o tema a ser abordado pelo professor da disciplina.

60. TÓPICOS ESPECIAIS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES III

Conteúdo com a duração de 03 (três) créditos, com ementa e programa variáveis, de acordo com o tema a ser abordado pelo professor da disciplina.

61. TÓPICOS ESPECIAIS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES IV

Conteúdo com a duração de 04 (quatro) créditos, com ementa e programa variáveis, de acordo com o tema a ser abordado pelo professor da disciplina.

CONTEÚDOS OPTATIVOS DO EIXO DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

62. FUNDAMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Contexto histórico da criação das teorias de administração. A racionalização do trabalho e a consolidação do capitalismo.

63. EDUCAÇÃO SEXUAL

Atitudes e valores com relação à educação sexual. A filosofia da educação sexual. Desenvolvimento psicossocial: infância, adolescência e idade adulta. Educação sexual na família e na escola: metodologia e linguagem. Manifestações da sexualidade e problemas de natureza psicossocial. A evolução da educação sexual. Sexualidade e historicidade. A dimensão social da sexualidade.

64. FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Análise crítica dos fatores bióticos e abióticos sobre os processos comportamentais e educativos.

65. ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO

O fenômeno – educação dentro da cultura humana. As manifestações educacionais e as manifestações culturais. A escola como organização cultural complexa. Os elementos do processo educativo primário: a família, a escola, o Estado. O pensamento educacional no ocidente Platão e o Estado; e oriente: Rousseau e o homem natural; Dewey e a inteligência funcional; Pitágoras e Hermes Trimegisto Gurd Jieff e Castanêda.

66. CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Os diferentes paradigmas no campo do currículo: as tendências tradicionais, crítica e pós-crítica. O processo de seleção, organização e distribuição do conhecimento. O currículo, as normas e a política educacional brasileira. O currículo e a construção do projeto político-pedagógico no cotidiano da escola.

67. PESQUISA E COTIDIANO ESCOLAR

Impactos da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. O espaço da pesquisa no cotidiano escolar. Profissão docente e epistemologia da prática. A/O educadora/educador-pesquisadora/pesquisador.

68. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL

A noção de inclusão social e direitos humanos. Elementos constitutivos do sistema de exclusão/inclusão social: as pessoas, as instituições sociais. Desigualdade social e diversidade. Processo/produto da construção do conhecimento e inclusão social. Pertencimento social e relações sociais. Fundamentação teórica e metodológica da educação inclusiva. Práticas educacionais, estratégias de inclusão social. A inclusão como construção do indivíduo cidadão. Identidade pessoal, protagonismo social e construção do projeto de vida na escola. Educação inclusiva e políticas públicas.

69. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Concepções de educação e avaliação. Princípios ou pressupostos, funções, características e modalidades da avaliação. A prática da avaliação. Propostas alternativas de avaliação do processo ensino-aprendizagem. Avaliação e mecanismos intra-escolares: recuperação, reprovação, repetência e evasão.

70. LEGISLAÇÃO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO

O Ensino Religioso a Constituição e a LDB. História do Ensino Religioso no Brasil. Sobre a adequação da denominação “Ensino Religioso. Sobre a proibição constitucional do proselitismo religioso nas escolas.

71. SEMINÁRIO DE PROBLEMAS ATUAIS EM EDUCAÇÃO

Estudo de problemas atuais em educação. Sua relação com o contexto sócio-econômico, cultural e político e seu entendimento com expressões de fenômenos da formação social brasileira.

72. ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSOS E MÉTODOS

A concepção de analfabetismo e de alfabetização; a alfabetização: implicações teórico-metodológicas e políticas; leitura e escrita no processo de alfabetização e pós-alfabetização; movimentos de alfabetização de jovens e adultos na sociedade brasileira.

73. EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais como espaço educativo na formação da cidadania. A relação entre poder e saber no processo de construção e apropriação do conhecimento, no âmbito dos movimentos sociais. A questão da articulação da educação não-formal com o sistema formal de ensino e o papel dos movimentos sociais. As tendências e perspectivas da educação dos movimentos populares na realidade brasileira hoje. O caráter educativo e a especificidade do movimento sindical na atualidade brasileira.

74. INTRODUÇÃO AOS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM EDUCAÇÃO

Abordagem de um processo de comunicação educacional: o audiovisual (imagem fixa e ou seqüência, combinada com fala ou música e/ou efeitos sonoros) desde sua perspectiva técnica (suporte físico) a aspectos de criação de imagem, de seqüenciação, de montagem da estrutura da mensagem e características de seu uso.

75. SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Contribuir para uma consciência crítica e criativa sobre as questões ambientais, entendendo-se como crítica, a compreensão da origem e a evolução dos problemas ambientais, considerando-se para tanto, os aspectos biológicos, físicos e químicos, bem como os sócio-econômicos, políticos e culturais. Dentro do atual contexto tecnológico, desenvolvendo a plena cidadania e conseqüentemente, garantindo a qualidade de vida, utilizando para tanto o uso racional dos recursos naturais em benefício das gerações atuais e futuras.

CONTEÚDOS FLEXÍVEIS

76. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES I

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do primeiro período.

77. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES II

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do segundo período.

78. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES III

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do terceiro período.

79. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES IV

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do quarto período.

80. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES V

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do quinto período.

81. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES VI

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do sexto período.

82. JORNADA DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES VII

Apresentação/exposição dos trabalhos práticos desenvolvidos por professores e alunos durante as disciplinas do sétimo período.